

# A EXPLORAÇÃO ETNOLÓGICA DO ALTO XINGU

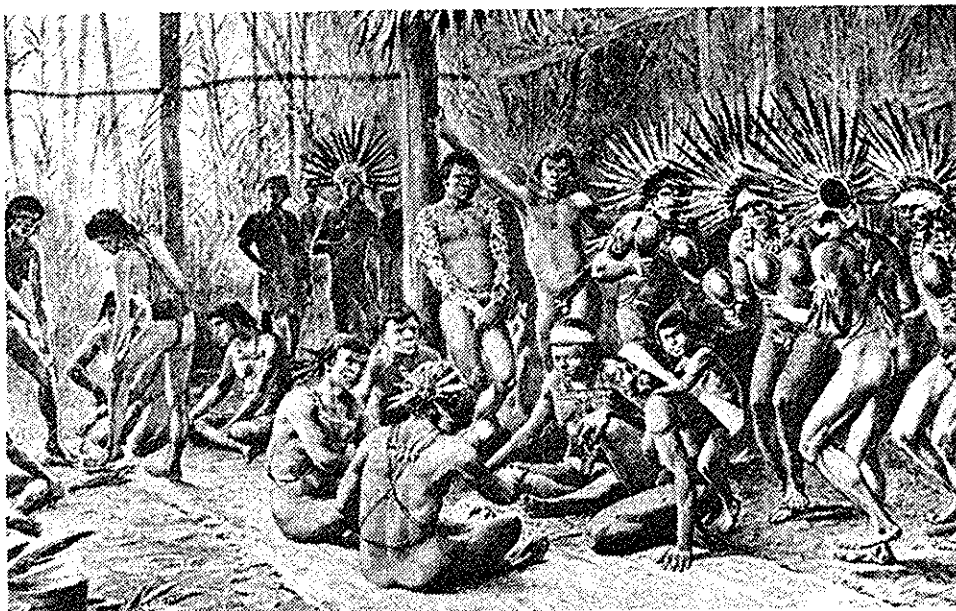
Egon Schaden

Até o último quartel do século XIX, a região do Alto Xingu, no Brasil Central, era terra incógnita. O primeiro a percorrê-la, em 1884, foi o médico psiquiatra Karl von den Steinen, em companhia de seu primo Wilhelm von den Steinen, desenhista e pintor, e do geógrafo e astrônomo Otto Clauss. Outras quatro expedições alemãs se dirigiram para lá nos anos seguintes, com o objetivo principal de explorar a área do ponto de vista etnológico. Da segunda, em 1887, também chefiada por Karl von den Steinen, participaram, além de Wilhelm von den Steinen, o antropólogo Paul Ehrenreich e o geógrafo Peter Vogel. As duas seguintes, em 1896 e 1898, estiveram a cargo de Herrmann Meyer. Teve ele como companheiros de viagem, respectivamente, Karl Ranke, antropólogo, e Theodor Koch-Grunberg, que mais tarde se tornaria célebre por suas pesquisas etnológicas e lingüísticas na Amazônia setentrional. Em 1901, o território foi percorrido por Max Schmidt. A essa fase pioneira da presença alemã no Alto Xingu seguiu-se um longo interstício até o ano de 1926, quando Max Schmidt empreendeu a sexta expedição. A sétima, de Günther Hartmann, realizou-se em 1983.

Não se fará aqui o histórico dessas explorações. O que se pretende é pôr em relevo o alcance dos resultados das cinco primeiras, apontar algumas das principais tarefas científicas a serem cumpridas e, sobretudo, chamar a atenção para a urgência — ante a rápida transformação pela qual passa toda a Amazônia — de se intensificarem as pesquisas na área. Seria desejável que os etnólogos alemães retomassem de maneira decidida o programa de estudos iniciado pelos pioneiros de que aqui se fala.

Karl von den Steinen descobriu no alto Xingu um quadro étnico *sui generis*: em território bastante restrito e relativamente isolado conviviam, em peculiar simbiose cultural, grupos dos quatro maiores troncos lingüísticos do Brasil indígena, isto é, dos Tupi, Karaib, Aruák e Jê, além de uma tribo de fala isolada, os Trumái. Essas populações, cada qual mantendo a sua identidade, e a ela aferrando-se obstinadamente, haviam constituído, por um processo que até hoje ninguém conseguiu explicar de maneira convincente, uma espécie de confederação. Eram, ademais, portadoras de uma cultura relativamente uniforme.

As mencionadas expedições trouxeram apreciável acervo de conhecimentos sobre os aborígenes. Mas não só isso. Ampliaram o horizonte da etnologia brasileira e imprimiram novos rumos às pesquisas. Mais ainda: fizeram surgir uma nova imagem científica do índio. Destarte se corrigiram umas tantas distorções que vinham dos tempos de Alexander von Humboldt, do príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied e, sobretudo, do grande Karl Friedrich Philipp von Martius, cujo papel decisivo no lançamento das bases para a investigação sistemática das línguas e culturas aborígenes brasileiras, aliás, ninguém jamais porá em dúvida. Embora caracterizando o mundo indígena brasileiro como constituído de tribos decadentes e degeneradas, de um *mixtum compositum* ou, como ele diz, de uma *colluvies gentium*, isto é, de um conjunto de grupos humanos em fluxo contínuo e, por isso, refratárias a toda e qualquer classificação, deu substancial contribuição no empenho de se encontrar um mínimo de ordem no emaranhado de línguas e culturas. Mas foi a Karl von den Steinen e a Paul Ehrenreich que coube o mérito de propor um esquema classificatório válido ainda hoje em suas linhas fundamentais. Partiram eles, como não poderia deixar de ser, do levantamento e da criteriosa análise de vocabulários e textos para a determinação do



No Xingu ainda há desafios para quem esteja disposto a indagar, a ver e a ouvir

parantescos de culturas. Isto é, puseram a lingüística a serviço da etnologia.

É preciso, pois, deixar bem claro que as expedições pioneiras ao Alto Xingu não foram apenas de capital importância para o conhecimento da área, mas de todo o Brasil indígena. Foi por isso que Roquette Pinto chegou a afirmar que a obra de von den Steinen refundiu as bases da etnologia brasileira. Quais são essas bases? Antes de mais nada, por certo, a classificação das tribos, em especial a sua situação no quadro geral dos idiomas.

Aliás, um dos estudos mais significativos da etnologia sul-americana dos anos de que aqui nos ocupamos é um texto de Paul Ehrenreich, publicado em 1891, sobre a classificação, as migrações e a distribuição espacial das populações nativas do Brasil. Trata-se de uma síntese e interpretação magistral dos dados então disponíveis. Escrito há quase um século, o artigo contém, como não podia deixar de ser, afirmações e conjecturas que em virtude de pesquisas posteriores tiveram de ser descartadas. Mas por muito tempo serviu de ponto de apoio e quadro de referência para a formulação de problemas a serem investigados não só com relação ao Alto Xingu, mas de todo o território brasileiro. Outro estudo a ser lembrado é o que Karl

von den Steinen publicou alguns anos depois de sua segunda viagem, sobre o Bakairí, uma das línguas Karaib do Alto Xingu. O seu principal informante, um índio semicivilizado, o acompanhou em ambas as expedições e lhe forneceu copioso material. Com este o pesquisador produziu uma obra de mais de 400 páginas, que continua sendo, apesar de todos os progressos da lingüística moderna, uma das mais importantes sobre um idioma indígena do Brasil.

Hoje se considera obsoleta e insatisfatória a técnica de pesquisa lingüística usada por von den Steinen, que, aliás, tinha plena consciência das limitações e dos perigos da comparação léxica, a que teve de recorrer pela própria natureza do material disponível. Não obstante, o resultado principal a que chegou e que diz respeito ao caráter arcaico dos idiomas Karaib que encontrou no Alto Xingu continua válido e tem sido corroborado por estudos feitos nas últimas décadas. É bom mencionar também que a seriedade, por todos reconhecida, com que apresenta e examina o seu material confere a este um valor permanente. E diga-se, ainda, que foi dos primeiros, se não o primeiro, a publicar *ipsis verbis* textos míticos Karaib com cuidadosa tradução interlinear.

Ainda no início deste século a etnologia

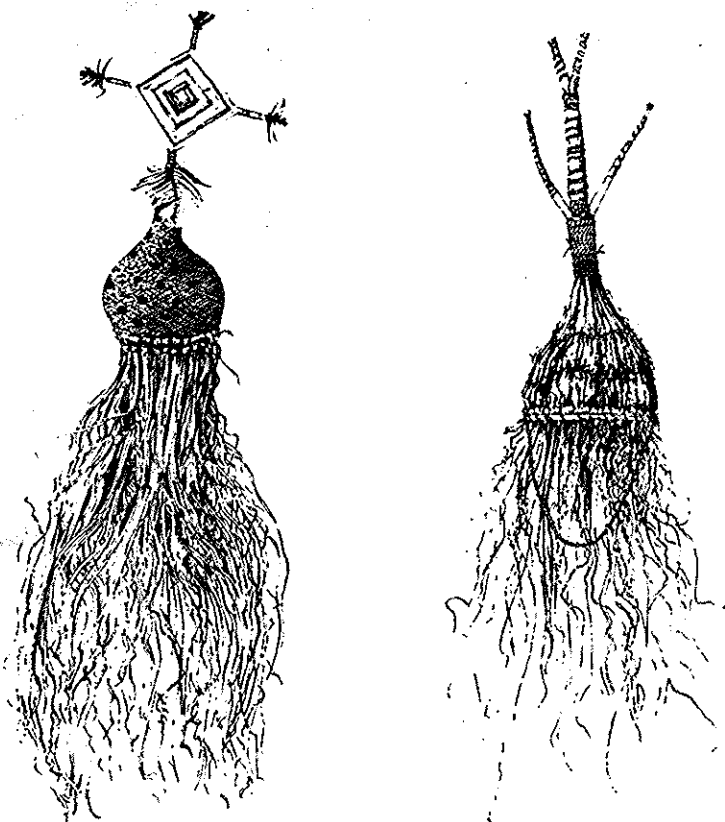
era vista como a ciência que devia, na medida do possível, remontar aos primórdios da Humanidade, a fim de investigar a origem da cultura e descrever os estágios do processo evolutivo que teria levado à emergência das "altas culturas" ou civilizações.

Daí o extraordinário interesse despertado pela descoberta, no centro da América do Sul, de povos que viviam, como se costuma dizer, na "idade da pedra" e que, portanto, seriam representantes vivos da infância cultural do gênero humano. Não se há de estranhar, por isso, que na obra-prima de Karl von den Steinen, o clássico volume em que apresenta os resultados da segunda expedição, ocupem lugar de destaque os problemas ligados à origem e à evolução da cultura. De uma forma ou de outra, o espírito carismático de Adolf Bastian pairava sobre toda uma geração de pesquisadores. Assinale-se, não obstante, que, ao contrário de von den Steinen, os demais pouco se preocupavam em interpretar à luz de postulados teóricos suas observações entre os nativos. Em consonância com a visão evolucionista, a origem dos mais variados aspectos da cultura material e não-material se impõe na obra do mestre como tema, por assim dizer, recorrente e reiterativo das reflexões. E, devido a sua formação de psiquiatra, é compreensível a tendência de discutir os problemas em termos predominantemente psicológicos, ou seja, com vista à mentalidade peculiar a um certo estágio cultural. Nas tribos xingüanas esta não podia ser outra senão a do primitivo coletor e caçador, já que, no entender do etnólogo, essas populações, embora tendo adorado o cultivo da mandioca e de outras plantas, pensavam, interpretavam o mundo e reagiam não como lavradores, mas como grupos de economia rudimentar ainda puramente extrativa.

Hoje se fala muito em etno-história do Alto Xingu. Como quer que seja, ninguém logrou ainda dizer de que maneira veio afinal a configurar-se o que — com as devidas ressalvas, como sabemos — se chama de cultura alto-xingüana. Certo, vários dos fatores que atuaram no decorrer do tempo, uns mais, outros menos óbvios, de há muito foram apontados pelos estudiosos, mas não há dúvidas de que estamos longe de uma explicação convincente do processo como um todo. E talvez seja tarde para a reconstituição, uma vez que as transformações dos últimos decênios têm sido tais que muita coisa se perdeu para sempre.

Na medida do possível se deverão, no entanto, submeter a uma apreciação crítica sobre a base dos elementos ainda disponíveis, quer as hipóteses e conjecturas dos primeiros exploradores, quer as de pesquisadores modernos, como, por exemplo, a de Gerhard Baer, segundo o qual as tribos Aruák e os Bakairí teriam chegado ao Alto Xingu em época muito recente, nos séculos XVII e XVIII, as do grupo Tupi apenas no final desse período e depois deles os Trumái. Diante da questão de saber como foi possível constituir-se em tão pouco tempo o fundo comum das culturas da área, Baer lembra a probabilidade de já ter havido maior ou menor aculturação entre as tribos antes de se estabelecerem no Alto Xingu, que o etnólogo brasileiro Eduardo Galvão chamou de área de compressão cultural.

Um dos aspectos mais intrigantes do problema continua sendo o das manifestações específicas ou, digamos, distintivas, de aspectos e elementos que na esfera da cultura material como da não-material marcam de maneira inequívoca o surto de inovações oriundas da interação de sistemas de vida originariamente bastante heterogêneos. E como podiam, pergunta-se, tribos de tão diversa extração mantendo cada qual o seu idioma, abdicar em apenas dois ou três séculos de marcantes tradições milenares pelo simples fato de partilharem uma situação



Ornamentos para a festa do Quarup

→ similar, de adaptação a um novo ambiente natural e de oposição a grupos hostis que os assolavam de todos os lados e de, por isso mesmo, estarem obrigados a encontrar um equilíbrio razoável entre a agressividade e a coexistência pacífica, que se impunha?

É claro que a adaptação de seus sistemas sócio-econômicos às condições geográficas da região por si só não explica o denominador comum das culturas.

Em 1936, Fritz Krause, um dos mais diligentes entre os que estudaram culturas indígenas do Brasil, apresentou em Leipzig, à reunião anual da Sociedade de Etnologia, um interessante trabalho sobre as tarefas de pesquisa na região das nascentes do Xingu. É, em síntese, uma visão dos problemas etnológicos da área, tal como não a deixaram os primeiros exploradores. Decorrido meio século, valeria talvez a pena examinar detidamente o texto e verificar em que medida o desiderato foi cumprido e quais os problemas que continuam a desafiar-nos. Restringo-me aqui a alguns pontos que considero capitais. Krause, que publicou uma obra volumosa sobre os resultados de sua expedição ao Araguaia, onde estudou principalmente os Karajá e seus parentes Xavajé, nunca estivera no Xingu, mas tinha a sua disposição, no Museu de Etnologia de Leipzig, os arquivos de Wilhelm von den Steinen e Herrmann Meyer, como também uma grande coleção etnográfica colhida por este último entre os índios xingüanos. Escreveu uma série de trabalhos baseados no estudo desse copioso material, de coleções existentes em outros museus, principalmente no de Berlim, e das obras e artigos dos primeiros exploradores.

Após referir-se à necessidade de pesquisar melhor as diferenças entre os tipos físicos das etnias, salienta como fundamental a necessidade de explicar como é possível tribos tão diferentes serem possuidoras de uma "cultura comum". De uma forma ou de outra, o problema já intrigara a von den Steinen, a Meyer e a Schmidt e continua intrigando a quantos encaram em conjunto o quadro etnológico do Alto Xingu. A resposta à pergunta depende, é claro, antes de mais nada, do conceito que se tenha de "cultura comum", da ênfase que se queira dar, quer às semelhanças, quer às diferenças nos sistemas de vida das tribos. A questão da homogeneidade e da heterogeneidade do quadro cultural do Alto Xingu ainda deverá ser objeto de muita pesquisa. Quanto a Krause, menciona ele, com sobeja razão, como possíveis ou prováveis fatores da aculturação entre as etnias as relações, predominantemente pacíficas, entre as tribos da área, como também o comércio intertribal. Insiste em que ambos os fatores e os seus resultados devem ser investigados em maior profundidade.

Boas contribuições sobre o problema foram, aliás, fornecidas por autores mais recentes, entre elas as de Eduardo Galvão, que em importante estudo de 1953 resumiu as conclusões a que chegou após dois períodos de intensivo trabalho entre os índios da região.

Para a documentação das culturas xingüanas foram providenciais os vínculos dos primeiros exploradores com grandes museus que tinham interesse em aumentar os seus acervos. Torno a lembrar que sobre os viajantes pairava o espírito de Adolf Bastian, o fundador do Museu de Berlim e incansável colecionador de documentos etnográficos de todo o mundo. Karl von den Steinen trouxe da segunda expedição um total de 1.235 peças de sete tribos do Alto Xingu. As coleções mais ricas foram as de Herrmann Meyer. Dele o Museu de Leipzig adquiriu mais de 1.700 peças. Parte de seu material foi para Berlim, Stuttgart e Leningrado. Os artefatos que trouxe têm, aliás, valor especial pelos minuciosos desenhos que acompanham o inventário. Infelizmente as coleções de Berlim e de Leipzig foram em grande parte destruídas por bombardeios na Segunda Guerra Mundial. Trata-se de uma perda irreparável, já que — isto vale sobretudo para as peças coleradas por von den Steinen — se tratava de objetos feitos com o tradicional esmero e sem o uso de instrumentos

de ferro. No decorrer deste século, sertanistas, viajantes e pesquisadores do Brasil e de outros países reuniram muitas coleções, algumas delas riquíssimas, que, entretanto, não substituem de modo cabal as da primeira fase da exploração. Felizmente, em todo caso, o acervo do Museu de Berlim teve há poucos anos um substancial reforço, pois incorporou um grande cabedal trazido pela sétima expedição alemã ao Xingu, chefiada por Günther Hartmann.

Dentre as coleções existentes na Europa, merece ainda especial menção a de Gerhard Baer, reunida em 1955. Encontra-se no Museu Etnográfico de Basileia.

No princípio, a representação iconográfica de aspectos e elementos culturais cabia sobretudo ao desenhista. Na tarefa se destacou Wilhelm von den Steinen, que acompanhou seu primo nas duas expedições. Até hoje, ao que parece, ninguém reconheceu devidamente os méritos desse notável artista no âmbito da etnologia sul-americana. Não caiu no esquecimento, mas sempre ficou na sombra de seu grande primo, seu "irmão maior", na terminologia de parentesco dos Bakairi. Talvez um dia alguém se anime a fazer uma avaliação crítica de seus trabalhos de interesse para a arte como para a ciência. Valeria a pena.

A documentação fotográfica era difícil e penosa. Na medida do possível foi feita por Ehrenreich. Retratou cenas da viagem e, em especial, tipos físicos, em cuja análise iria basear em grande parte sua obra clássica sobre a antropologia somática de tribos brasileiras.

A palavra de ordem do velho Bastian, de salvar para os pósteros o maior número possível de testemunhos dos primórdios da

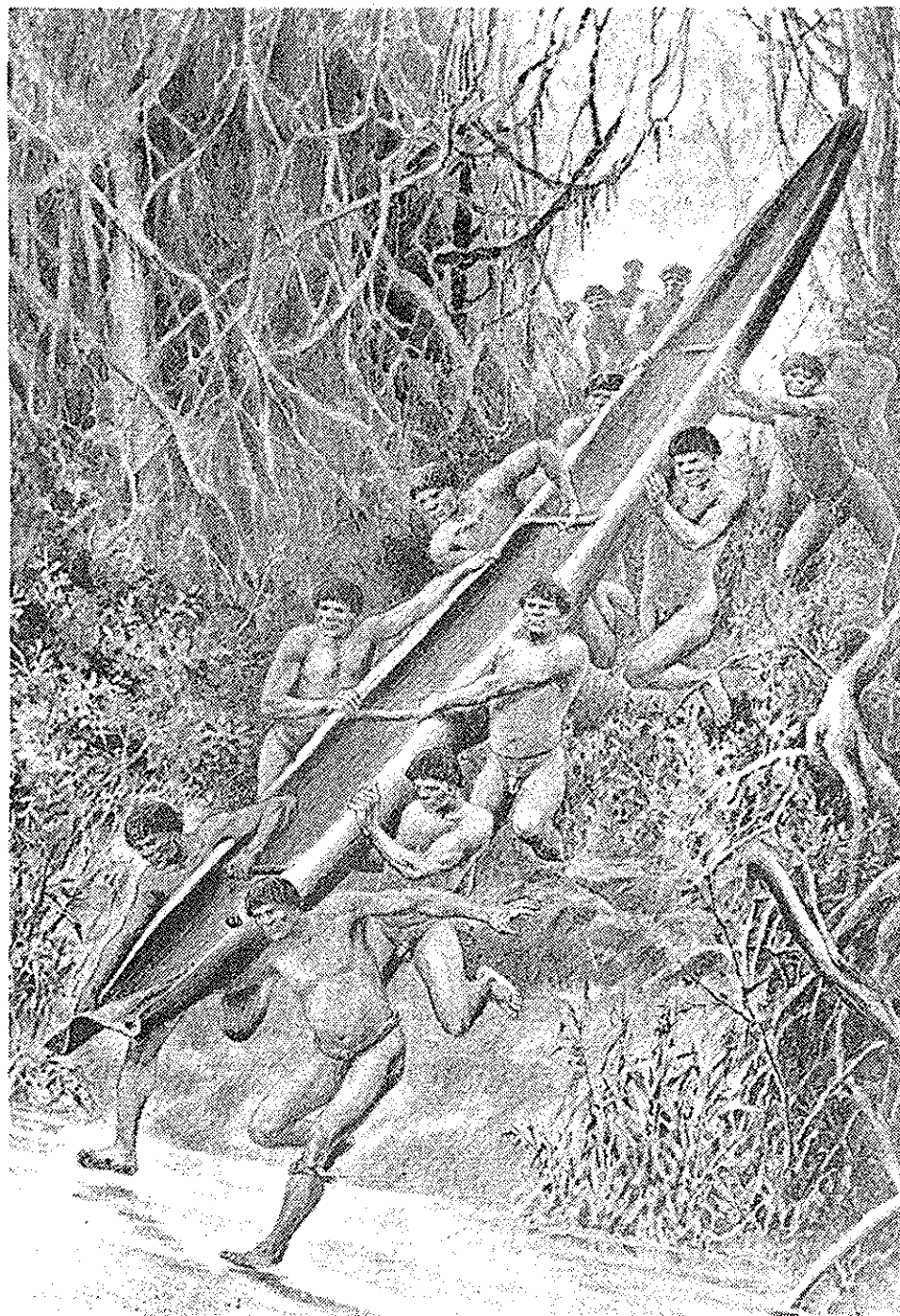
história cultural da humanidade, esbarrou por muito tempo, no tocante à documentação visual e audiovisual, com o atraso em que nesse campo se encontravam as nossas técnicas. Ao que consta, os primeiros documentos cinematográficos sobre culturas indígenas sul-americanas são os que Theodor Koch-Grunberg e H. Schmidt produziram entre os Taulipang, na região do Roraima. Data do ano de 1911 uma filmagem por eles feita e editada, ou melhor, editorada, em 1964, pelo Instituto do Filme Científico de Göttingen, com comentário científico de Otto Zerries.

A partir de 1944 e 45, quando, por iniciativa do general Rondon, foram ao Alto Xingu as primeiras expedições da equipe fotográfica do Serviço de Proteção aos Índios, intensificou-se a documentação por meio de fotografias e filmes. Para isso contribuíram bastante a chegada ao Culuene, em 1946, dos irmãos Villas-Boas, ou seja, da vanguarda de Expedição Roncador-Xingu, e as facilidades proporcionadas pela Fundação Brasil Central e pela Força Aérea Brasileira. Instituições científicas, tais como o Museu Nacional, mandaram para a região pesquisadores que colheram bom material fotográfico, em parte utilizado nos trabalhos que publicaram. Mais tarde, dirigiu-se para lá um número crescente de equipes de cinema e de televisão, em sua maioria brasileiras e européias, que produziram reportagens, algumas muito bem-feitas. Nesses empreendimentos não havia, como é natural, objetivos propriamente científicos, mas o intuito de satisfazer o público ávido de conhecer algo dos mistérios de um mundo exótico. O que não impede que os documentários tenham também valor etnológico. Conviria, por isso,

fazer um cadastro desse material, tarefa nada fácil, mas por certo compensadora. Deve ser, é claro, um cadastro com comentários críticos, uma vez que, como sabemos, "não há nada tão subjetivo como a objetiva". Ainda mais quando se pretende, acima de tudo, apresentar coisas que prendam a atenção do espectador leigo.

São poucos os alemães que filmaram a vida e a cultura dos xingüanos. Quando estive na área em 1958, encontrei-me várias vezes com Erich Wustmann, conhecido cinematografista e autor de numerosos livros de viagem. Nos três meses que lá passou fez alguns filmes e tirou muitas fotografias, aliás excelentes, sobretudo dos Kamayurá, cujos cantos também gravou. Harald Schultz, etnólogo brasileiro de descendência alemã, foi quem até hoje mais se destacou no Brasil na documentação de culturas indígenas por meio de filmes, inúmeras fotografias e coleções de toda sorte de artefatos. No Alto Xingu trabalhou principalmente entre os Waurá, os Suyá e os Txukaramãe. Do catálogo da "Encyclopaedia Cinematographica" do Instituto do Filme Científico, de Göttingen, constam cerca de 70 filmes por ele produzidos, pequenos verbetes visuais de interesse estritamente científico extraídos de documentários, alguns de longa metragem, por ele feitos entre índios de todo o Brasil. Da "Encyclopaedia Cinematographica" fazem parte também contribuições de René Fuerst, pesquisador suíço que no Alto Xingu filmou entre os Kalapálo e os Yawalapiti. São esses os principais trabalhos de pesquisadores alemães, ou ligados à cultura alemã, no campo da documentação-foto e cinematográfica do mundo indígena do Alto Xingu. É pena que nenhum dos que foram mencionados haja tido oportunidade de fazer algo comparável ao que realizou, por exemplo, o etnólogo norte-americano Thomas Gregor, que conviveu por 18 meses com a tribo xingüana dos Mehináku e conseguiu levar para a aldeia uma equipe cinematográfica que filmou, sob sua criteriosa orientação, o "drama" da vida diária da comunidade tribal. Sobre a monografia de Gregor, que é, por assim dizer, o script do filme, escrevi alhures que ela "foge deliberadamente do padrão comum das etnografias tradicionais. (...) Em vez de recorrer a um modelo estrutural para explicar as normas que regem a interação social entre os Mehináku, o pesquisador se interessa, antes de mais nada, por captar o desempenho real e concreto dos papéis sociais dos membros do grupo como e enquanto participantes de um sistema de ação. (...) No futuro já não se há de escrever sobre as chamadas 'culturas xingüanas' sem levar em conta o trabalho do professor Thomas Gregor". Não seria o caso de sugerir que algum etnólogo alemão se decida a retomar em perspectiva moderna e com os recursos técnicos hoje disponíveis o programa de trabalho iniciado há um século no Brasil Central e depois interrompido pelas vicissitudes da História?

Os descobridores do Alto Xingu sabiam muito bem que a sua passagem, ainda que rápida, pelo território, haveria de ter consequências não apenas positivas, mas também negativas para os aborígenes que lá viviam. Já o próprio von den Steinen exprimiu profundo pessimismo ao escrever que Karilose (Carlos, na pronúncia Bakairi de seu nome), o primeiro "historiador" dessas tribos, seria também o último. Tinha em mente o que se passara no correr dos séculos com numerosas populações nativas que não resistiram ao impacto da colonização européia. Vejamos os termos incisivos em que Karl Ranke, companheiro de Meyer em sua primeira viagem, formula a sua previsão sobre o modo sombrio: "Pobre povo! O teu destino pode ser calculado de antemão. Pelas nossas expedições ao Xingu, de que tanto nos orgulhamos, abriu-se a porta por tanto tempo fechada e, cedo ou tarde, virá Pandora e deixará sair de seu vaso os benefícios da civilização. Já chegaste a conhecer o ferro e o cão e a galinha e conhecerás ainda uma porção de animais domésticos úteis e, sobretudo, uma porção de plantas de cultivo, a banana, a cana-de-açúcar, o arroz, o feijão. Talvez venhas



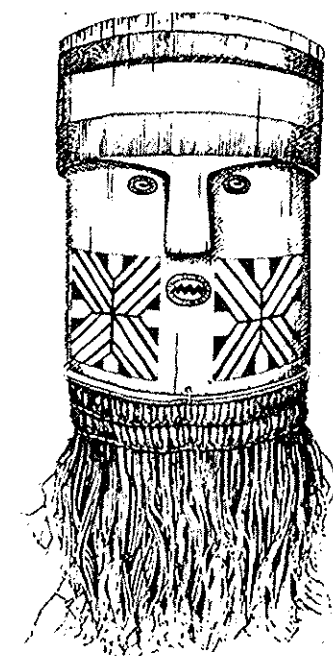
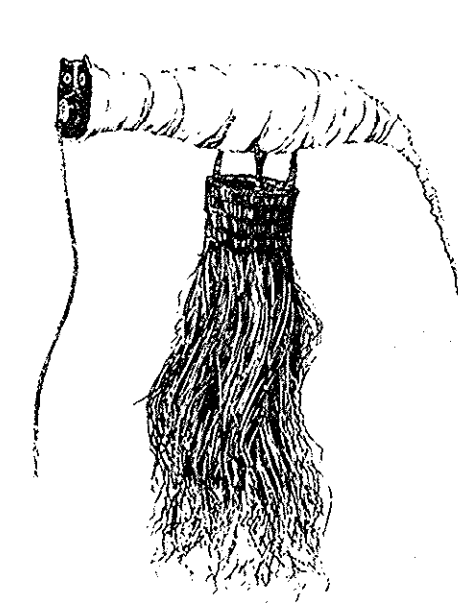
Índios do Alto Xingu pintados por John Gehrts

→ a ser batizado. Mas a epidemia de blenorria que te assolou após a tua primeira visita ao irmão branco terá também um sucessor trás outro. Lues, lepra, tuberculose, sarampo, escarlatina, varíola, febre amarela e beribéri. Não admira, na verdade, que povos não civilizados se extinguam ante a civilização" (1898, p. 131 s.).

Em grande parte, infelizmente, o soturno prognóstico estava certo. Segundo a estimativa de Meyer, havia na área em 1897 um total de talvez 39 aldeias, o que devia corresponder a cerca de 4000 almas. Houve, como sabemos, epidemias catastróficas, principalmente sucessivos surtos de gripe, com um declínio populacional que levou a existência de grupos inteiros a um lúgubre desfecho. O número de remanescentes é orçado em, no máximo, 800 pessoas, distribuídas em umas dez ou 11 aldeias. Nas últimas décadas registrou-se uma estabilização e, em alguns casos, até uma incipiente recuperação demográfica, graças às medidas dos órgãos oficiais de assistência ao índio. Não se dirá que o Alto Xingu esteja a salvo dos perigos que sempre o ameaçaram, mas em todo caso podemos, por enquanto, confiar no que lá se faz e contar com a sobrevivência das populações que lá ainda existem.

Dos primeiros exploradores não se haveria de esperar especial empenho em analisar fenômenos aculturativos. Era um estudo ainda alheio aos objetivos da etnologia. A própria palavra aculturação era novidade na época. O primeiro ou, pelo menos, um dos primeiros a empregá-la foi Paul Ehrenreich. Não há dúvida de que o processo de aculturação intertribal entre os xingüanos não deixou de despertar a curiosidade dos viajantes que, entretanto, devido à curta permanência entre os diferentes grupos, não podiam senão fazer observações rápidas e superficiais sobre o assunto. Quanto às mudanças de cultura provocadas na área pelo contato com a civilização, não havia chegado o tempo de estudá-las em maior profundidade, já que foram os próprios pioneiros que desencadearam o processo. Von den Steinen esboçou alguns "apontamentos psicológicos" sobre a reação do índio ante às coisas sobre modo curiosas de que vinha munido o homem branco, dentre as quais, como não podia deixar de ser, se destacavam os utensílios de ferro e de aço. Quis, diga-se de passagem, a ironia da História que fosse precisamente um sábio chamado von den Steinen, procurando investigar autênticos remanescentes da Idade da Pedra — em cuja tecnologia havia, aliás, muito menos pedra do que madeira, ossos, conchas e palha —, o responsável pelo desencadear da revolução do ferro no Alto Xingu. Na segunda viagem distribuiu entre os índios do Coliseu nada menos do que 1.100 facas e cerca de 30 machados de aço. Os efeitos foram de tal ordem, lembra seu primo Wilhelm, que 12 anos mais tarde já foi difícil para Herrmann Meyer coletar um número razoável de objetos feitos com o antigo esmero. A cobiça do ferro se tornou tamanha que, por exemplo, os Bakairí, os mais bem estudados por von den Steinen, não tardaram a deixar as suas aldeias do Xingu, emigrando mais para o oeste, onde foram juntar-se com irmãos de tribo semi-aculturados, que já usufruíam os chamados benefícios da civilização. Uma vez que Moisés não ia à montanha, a montanha devia ir a Moisés. Note-se, porém, que ainda antes desse êxodo, único, talvez, pelos motivos que o causaram, na história do índio brasileiro, a comunicação entre Bakairí semi-aculturados e bravios, estabelecido ou restabelecido, como sabemos, pelas expedições de von den Steinen, provocara rápidas e profundas transformações no panorama da distribuição espacial das tribos.

Já foi dito, com acerto, que o caráter distintivo do processo aculturativo no alto Xingu se deve em grande parte à ausência de pressão das frentes de expansão da sociedade nacional. Apesar de conhecerem e praticarem comércio intertribal, aliás institucionalizado, permaneceram por longo tempo ingênuos em tudo que diz respeito à economia, como nós a entendemos. Existe o conceito de equivalência, pelo menos relativa, de



**Adereços indígenas fotografados por alemães**

valores mercantis, mas não há o de lucro comercial, alheio ao espírito indígena. Nos negócios de troca com o homem branco são interesseiros. Não têm, porém, nada de mentalidade "capitalista". Daí decorre uma tarefa árdua para os que se incumbem de prepará-los para um entrosamento satisfatório na economia regional, que, mais dia, menos dia, queiramos ou não, se tornará imperativo.

Coisa semelhante vale para outras esferas da cultura. A tecnologia, por exemplo, continua sendo, em essência, a dos antepassados. De há muito começou, porém, a deteriorar-se. Os artigos de nossa indústria são coisas de que o índio hoje precisa, mas que não sabe produzir. Substituindo o arco e a flecha pela espingarda, necessita de munição, que só o branco lhe pode fornecer. Quando lá desci do avião, em 1957, a primeira pergunta que me fizeram foi se eu tinha trazido balas 22. O que mostra bem o grau de dependência a que chegaram. Fósforos, pilhas para lanternas elétricas e uma infinidade de outros itens se haviam tornado indispensáveis em sua vida cotidiana. Só os velhos dominavam ainda a técnica de produzir fogo com dois pedaços de pau, mas não a empregavam.

Tudo isso nos vêm à mente quando relemos o capítulo que, após a sua primeira expedição, Max Schmidt dedicou em seu livro de 1905 à "penetração da cultura europeia na região das cabeceiras do Xingu". É um texto pioneiro, em que tenta abordar o problema em termos científicos e em que há pelo menos um vislumbre das tendências aculturativas que se estavam esboçando. Mais tarde, depois de outras pesquisas no Brasil Central, retomou com maior vigor o assunto da mudança cultural num estudo sobre os Bakairí, publicado alguns anos antes de sua morte na Revista do Museu Paulista. Depois disso, a aculturação dos índios

xingüanos não foi mais estudada pelos alemães, salvo perfunctoriamente num pequeno artigo de Wilhelm Saake, de 1952, até vir afinal a ser objeto de investigações mais sistemáticas por Günther Hartmann em 1983. O abundante material que recolheu está em fase de elaboração.

Dos primeiros desbravadores do sertão xingüano ninguém haveria de esperar que se concentrassem desde logo na realização de pesquisas intensivas. Importava, antes de mais nada, proceder a um levantamento geral do panorama étnico da região como um todo. E, devido às precaríssimas condições de locomoção e transporte, a permanência nas várias aldeias se reduzia sempre a rápidas visitas. Não deixa de ser significativo que ainda em 1936 Fritz Krause menciona com um ponto de exclamação (!) o fato excepcional de Meyer haver demorado quatro dias numa aldeia Trumái do baixo Culuene. É difícil imaginar que, em tais circunstâncias, alguém se dispusesse a empreender um estudo etnológico em profundidade. Qualquer etnólogo de hoje reagiria indignado a uma insinuação dessa ordem.

Não obstante, já von den Steinen se convencera de que era preciso fazer pesquisas intensivas de cada grupo, com vistas a uma análise comparativa sobre a base de monografias tribais. Assim, a quinta expedição, de Max Schmidt, em 1900, partiu com a incumbência de dar início ao programa. Schmidt devia ir aos Kamayurá e com eles conviver o tempo necessário para colher os elementos indispensáveis à elaboração de um trabalho abrangente, que desse uma visão integrada do sistema cultural da tribo. O projeto falhou, porém, por causa de sucessivos contratemplos. Antes de alcançar o território dos Kamayurá, o etnólogo se viu obrigado a retroceder, desistindo do intento. Ainda bem que a coleção etnográfica que

reunira com muito sacrifício chegou depois a Berlim, onde ele e outros puderam aproveitá-la para estudos sobre problemas específicos. O próprio Schmidt levou a cabo, por exemplo, uma cuidadosa investigação sobre a técnica do trançado e a origem da arte ornamental. No trabalho, que logo se tornou célebre e deu margem a muita discussão, defendeu a tese, em desacordo com a explicação de von den Steinen, de que os padrões ornamentais característicos da arte xingüana derivam da técnica do trançado, por sua vez determinada em parte pela forma das folhas de palmeira usadas na confecção de artefatos.

Por estranho que pareça, foi apenas em 1953 que se publicou o primeiro trabalho que até certo ponto pode ser considerado uma monografia sobre uma tribo xingüana. Cinco anos antes, o autor Kalervo Oberg estivera dois meses e meio no Culuene. Dá uma boa, conquanto muito sumária, descrição da cultura Kamayurá, principalmente dos aspectos econômicos. De 1955 data um livro de Robert F. Murphy e Buell Quain sobre os Trumái. Por essa época começou a haver progressos notáveis, sobretudo porque um número crescente de pesquisadores brasileiros e estrangeiros se foi estabelecendo para períodos de convívio razoavelmente longos no seio de uma ou mais populações nativas do território. Dos textos que escreveram, alguns têm um cunho que se poderia dizer monográfico. A maioria, porém, se constitui de artigos ou ensaios sobre temas ora mais ou menos restritos. Não possuímos até hoje, sobre nenhuma tribo do Alto Xingu, uma monografia sequer que nos dê uma visão de conjunto ampla, consistente e integrada do sistema sócio-cultural, como, por exemplo, nô-las apresentam os volumes de Herbert Baldus e Charles Wagley sobre os Tapirapé.

O que surpreende é a quase ausência da etnologia alemã em todo esse movimento de intensificação e renovação dos estudos sobre o Alto Xingu. Faló em quase ausência porque seria injusto não dar o devido destaque à contribuição de Mark Münzel, autor de duas obras sólidas e modelares sobre os Kamayurá. A primeira, de 1971, trata das idéias e práticas religiosas e, a segunda, de 1973, apresenta grande número de textos míticos, com excelentes comentários. E cumpre fazer referência, também, à mais recente publicação sobre a área, da autoria de Günther Hartmann, que nos apresenta um abrangente quadro histórico e atual do mundo alto-xingüano, baseado no conhecimento da copiosa bibliografia, antiga e moderna, e nas experiências colhidas em campo durante a sua expedição de 1983, em que visitou cerca de uma dezena de aldeias. Dispomos, assim, de uma nova descrição panorâmica, que de há muito estava pendente. Esperamos que não tarde a ser traduzida para o português.

Tempos houve em que na gíria dos etnólogos o Xingu era conhecido como o "rio dos alemães". É ainda hoje os que procuram fazer ciência entre os nativos da região das nascentes do grande rio não podem prescindir do material colhido e das interpretações ou conjeturas que nos deixaram os pioneiros que há um século lá estiveram. Sobre não poucos aspectos da área continua sendo nos escritos deles que buscamos os dados mais consistentes e informações fidedignas. De há muito, porém, o Xingu deixou de ser o "rio dos alemães". E não virá mais a sê-lo, pelo menos no sentido em que o era.

Quando, em 1887, von den Steinen passou algumas semanas na capital matogrossense, às voltas com os preparativos da viagem e ansioso por afinal partir para o sertão, diziam-lhe os cuiabanos: "O Xingu não foge". Hoje diríamos, em visão retrospectiva, que para a ciência muita coisa do Xingu fugiu. Mas, em que pese a quanto tenham realizado nestas últimas décadas cientistas brasileiros, norte-americanos, franceses e de outros países, e apesar do muito que se perdeu, todos são unânimes em reconhecer, explícita ou implicitamente, que na área ainda há inúmeros desafios para quem esteja disposto a indagar, a ver e a ouvir.



Nas diferentes tribos do Xingu, existe uma cultura comum